

1 - INTRODUÇÃO

Se Eça de Queiroz fosse ainda vivo nos dias de hoje, provavelmente enquadrar-se-ia numa corrente de pensamento contemporânea.

Efectivamente, a leitura dos seus textos, evidencia grande preocupação com diversos níveis da sociedade. Referimo-nos, obviamente a aspectos sociais, políticos, mas também económicos.

Dentro dos económicos aquele que tem particular relevo é o que se refere ao Turismo.

Como é sabido, por motivos pessoais e profissionais, este autor viu-se, por diversas vezes, convidado a viajar pelo país e pelo estrangeiro. A sua obra reflecte estas movimentações, quer a nível espacial, quer a nível intelectual.

Após a sua morte, Eça de Queiroz deixa à humanidade um património literário incalculável e como poucos o terão feito. Aos seus herdeiros, por sua vez, deixou um conjunto de bens entre os quais se destaca uma quinta em Tormes, que em tempos serviu de inspiração ao romance *"A Cidade e as Serras"*. É neste espaço que, actualmente, se integra a Fundação Eça de Queiroz, que é responsável por uma parte do incremento do Turismo Cultural desta zona do Douro, mais concretamente, dos concelhos de Baião e Resende.

O governo actual evidencia claras preocupações com este sub-sector económico, tendo, por isso, criado, pela primeira vez, um Ministério do Turismo, à parte do Ministério da Economia. Tal decisão política é consequência directa das normas europeias, que apontam o Turismo como uma das áreas estratégicas a desenvolver em Portugal.

Apesar do seu desaparecimento, Eça continua contemporâneo, não só ao nível da escrita relativa a aspectos turísticos, como também dos produtos turístico-culturais que o seu nome e produção cultural daí decorrentes, ainda geram.

A comunicação que a seguir se desenvolve dará particular ênfase a estes aspectos, começando, todavia, por situar o turismo na escrita e como arte plástica daquele autor.

2- O ROMANTISMO E O REALISMO EM EÇA TURISTA

O facto de Eça ter nascido em meados do século XIX (1845) insere-o naturalmente na corrente romântica servida então, em Portugal, por António Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas.

A Europa estava em mudança e a França comandava o pensamento literário num frenesim emanado das alterações políticas demasiado rápidas e sucessivas. Portugal, devido à sua posição geográfica, absorvia tardiamente as modificações que se geravam no torvelinho dos conflitos europeus.

¹ Licenciada em Gestão das PME's

² Mestre em História de Arte

Em Portugal, os meados de 800 foram por isso de contradição e antagonismo perante as correntes literárias instaladas, o romantismo. Eça de Queiroz inicia-se no combate contra aquilo que considerava o imobilismo cultural português, defendido por Castilho, levantando a bandeira da mudança política, social, ideológica e estética. Maria do Carmo Castelo Branco chamou ao conjunto de folhetins com que Eça inicia a sua carreira literária, a germinação da escrita queirosiana.

Foi precisamente na Gazeta de Portugal, periódico onde pontuavam as estrelas do romantismo (Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco) que começaram a ser publicados os folhetins de Eça de Queiroz, em 1866, quando ainda se encontrava em Coimbra a terminar os seus estudos em Direito. O cunho destes folhetins tinham a marca da educação de Coimbra, orientada para a mudança. A reacção foi violenta por parte da elite de Lisboa; o novo escritor foi considerado um escândalo pela irmandade dos pensadores, seguidores da velha linha romântica e poucos foram capazes de ver a novidade naquela forma de escrita. Estes eram os leitores de Heine, Goethe, Gérard de Nerval e Baudelaire. O folhetim apesar de ser um género corrente na Europa, constituía uma novidade em Portugal. A forma violava todas as normas literárias utilizadas até então no nosso país. Por outro lado poucos eram os que sabiam ler e não havia dinheiro para livros. Eça falava disto nas *"Farpas"* (crónicas sociais). Os privilegiados com acesso à leitura liam os tradicionais Castilho e Pinheiro Chagas. A crítica praticamente inexistente, corria atrás de um romantismo transformado num sentimentalismo decadente e barato, brilhantemente utilizado por Eça, numa linha realista, na caracterização de muitos dos seus personagens em estereótipos, facilmente identificáveis na sociedade portuguesa de então. Esta fácil identificação terá sido a razão pela qual *"A Capital"* não foi publicada em vida do autor.

A Questão Coimbrã punha a nu o problema da falta de crítica e da subserviência perante os poderes literários estabelecidos. Eça queria educar o leitor em novos estilos e a Geração de 70 saída da nova Coimbra terá sido decisiva.

Assumindo-se então como um auto-marginalizado, um não compreendido, Eça de Queiroz propôs-se trilhar um caminho que fosse veículo de provocação, usando a escrita para fazer ressaltar uma nova visão do mundo, um romântico de tipo fantástico (estrangeirado) e simultaneamente alertar para a modernidade num estilo inovador na linguagem e na construção de frases. Conseguia deste modo articular com o autor, o texto e o leitor.

O folhetim era o género ideal para veicular matérias de cariz ideológico, utilizando uma linguagem anedótica e crítica. Era pelo folhetim que se reflectiam as tendências dos meios sociais e a alta burguesia era o consumidor preferencial.

"As Farpas" foram, segundo Ramalho Ortigão, a melhor manifestação do realismo, porque obrigavam o leitor a ver o verdadeiro. Aqui, Portugal e a sua decadência tornaram-se o personagem central, transfigurando-se ao longo de toda a obra. Com isso pretendia-se acordar o espírito português, invocando os seus heróis. Na boca dos intervenientes dos vários romances surgem os apelos a um nacionalismo perdido. O passado glorioso transformara-se num presente mesquinho, parado e inerte que o autor queria combater. Ele critica a resignação do povo, chamando a atenção dos leitores. Nos romances, nos contos, nas crónicas prepassa esta ideia individualizada nas várias figuras e nas diferentes formas da sua actuação. O imobilismo criava vícios, proporcionando a criação de estereótipos com atitudes falsas e ridículas, mulheres adúlteras, enfim um romantismo decadente expresso num donjanismo fora de moda. Com estas personagens o autor pretende propor soluções para um país estagnado que passassem, por exemplo, pela sua transformação num *"espaço pitoresco"* de um turismo primário.

A leitura de Eça aponta claramente para a escola realista. Curiosamente o autor não se revê nesta orientação. Ele nega inclusivamente a existência de qualquer escola realista. Para ele escola era uma imitação sistemática dos processos do mestre e cada escritor apresentava um temperamento individual. Os grandes expoentes da literatura tinham tido percursores tão ilustres como eles, mas todos diferentes entre si. No entanto Eça confessa ser devoto de Balzac, considerando-o seu mestre que juntamente com Dickens teriam sido os maiores criadores na arte moderna. Chama divino a Dickens, referindo-o na correspondência trocada com Ramalho assim como em várias obras suas (Conde de Abranhos, O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio). Se se aproxima de Dickens numa linha de crítica de costumes afasta-se dele no que toca aos excessos sentimentais, preferindo autores como Jane Austen, Eliot, Henry James, etc. A sua admiração por Gustave Flaubert completa o conjunto decisivo na obra queirosiana. O trabalho de um autor realista era para Eça de Queiroz comparável a um tratado de medicina, onde o médico deveria utilizar sempre os últimos resultados das experiências recentes, tal como o faziam Claude Bernard e Émile Zola.

A posição que tinha perante a religião era também um dado novo, tendo em conta o tempo de profundas contradições ideológicas e religiosas nunca aceites pelos românticos nacionais. Na sua viagem à Palestina quis sentir o local, numa ânsia de se encontrar. Esta preocupação ficou patente em alguns artigos e sobretudo nas “*Cartas Inéditas de Fradique Mendes*” e mais “*Páginas Esquecidas*”. A leitura de Ernest Renan e a viagem aos lugares Santos foram então decisivos no seu folhetim (incompleto) “*A Morte de Jesus*”. Na “*Relíquia*”, o personagem Teodorico Raposo reflecte idêntica posição. No conto “*O Suave Milagre*”, Eça parece redimir-se, apresentando a Divinização de Cristo como uma questão social. Uma das novidades na escrita queirosiana e prática corrente é a forma como olha por cima do ombro, para um passado mais ou menos longínquo, utilizando uma personagem que com ele terá convivido e testemunhado aquele passado, colocando-o na posteridade a partir dos contornos da memória. O processo é engenhoso dada a dificuldade de contextualizar estes personagens, devido à distância temporal intransponível.

Se “*as Farças*” foram para o seu amigo Ramalho Ortigão a indicação do realismo queirosiano, então “*O Crime do Padre Amaro*” terá sido a expressão evidente dessa sua orientação literária na trilha de “*La Faute de l’Abbé Maurel*”, de Émile Zola. Juntamente com “*O Primo Basílio*” são considerados de um realismo/naturalista.

3- EÇA, PATRIMÓNIO E TURISMO

Eça de Queiroz foi um incansável viajante. Umas vezes por obrigações profissionais, algumas por necessidades de saúde e outras por puro prazer de conhecer paragens e culturas tão diferentes da sua civilização ocidental. Nascido e criado em terras lusitanas, oriundo de uma pequena localidade de pescadores (Póvoa de Varzim, a norte de Portugal), quase logo se viu transferido para outra comunidade, também de reduzidas dimensões e com o mesmo estilo de vida (Verdemilho, Aveiro). Eça não as reconheceria tão diferentes hoje, tão diferentes estão, e dos traços do escritor apenas ficou a memória cultural, arrancada ao pó do esquecimento pelos estudiosos da sua obra.

No Porto, cidade sombria, recolhida em si com uma face muito britânica no clima e na fisionomia, modelada num neo-classicismo paladiano misturado com traços de um barroco exuberante, nada recorda Eça. Da sua passagem pela cidade, capital do norte de Portugal o escritor não parece querer lembrar-se, talvez porque os anos da sua adolescência passados no rígido colégio da Lapa, do qual praticamente nada existe, lhe não tenham deixado gratas memórias. A sua existência decorria entre o colégio e a casa de uma tia

paterna e ambos diluíram-se no esquecimento. Anos mais tarde é ao Porto que Eça retorna para se casar com Emília Castro Pamplona, em cerimónia particular, desenrolada numa das mais belas quintas românticas da cidade (Santo Ovídio), que poucos anos depois, ainda em vida do escritor, seria absorvida pela transformação urbanística que o Porto sofreu. Ali próximo, confinada a uma estreita rua e oculta por enormes edifícios, resta ainda a capela neo-gótica dos Pestanas a recordar a cultura erudita de tempos passados. Ao Porto retornaria Eça pouco tempo antes de falecer, hospedando-se agora no Grande Hotel do Porto. Esta velha construção, bem no coração da baixa portuense, mantém a mesma atmosfera de então.

Coimbra é a cidade que se segue no seu percurso formativo. Em 1861 ingressa no curso de Direito, iniciando também, o seu percurso literário. Os colegas de estudos foram quase sempre os amigos para a vida. A eles foi acrescentando outros pelos caminhos profissionais que trilhou. Da velha e intelectual Coimbra, cidade do Mondego, tão cantada por Camões pouco restou. A modernidade arquitectónica dos anos 40 do século XX não a poupou. A recordar o passado alguns topónimos, algumas, poucas ruas ou ruelas que Eça e os amigos calcorream entre as aulas e as tertúlias académicas. Na cidade cruza-se o românico, o gótico, o manuelino e os poucos apontamentos renascentistas existentes em território nacional. Coimbra continua ainda hoje empoleirada em volta da sua Universidade, complexo construído a merecer uma demorada visita, já que se encontra nela uma das mais valiosas bibliotecas, não só pelo conteúdo literário, mas também pela estrutura barroca, do século XVIII, que ostenta.

De Lisboa, falaremos mais à frente dada a importância destacada que ocupou na obra de Eça. Évora, cidade alentejana, património mundial que reúne um conjunto edificado de características únicas. Cidade real, para onde os monarcas se deslocavam para fugir dos perigos da capital, foi local de muitas das decisões mais importantes na política nacional do velho regime monárquico. A sua fisionomia não deve diferir da dos tempos medievais dado ter merecido a classificação de Património da Humanidade. O prédio onde Eça instalou o seu escritório de advogado e de onde dirigiu o jornal *O Distrito de Évora* mantém-se, no gaveto das mesmas ruas que juntamente com outras compõem o centro, praticamente inalterado da cidade. Implantada na planície alentejana, Évora surge aos nossos olhos da mesma forma que outrora: aconchegada em torno da sua magnífica catedral românica onde se ensaiaram dos primeiros traços do gótico português. Hoje a diferença para o passado é a Universidade, instalada no antigo colégio do Espírito Santo que os jesuítas orientaram até à sua expulsão do país, por ordem do Marquês de Pombal, ministro de D. José, no século XVIII e na sequência do seu envolvimento num atentado ao rei. Os Estudos Superiores trouxeram a animação que faltou à Évora que Eça conheceu.

Poderíamos ainda falar de outras localidades portuguesas que viram passar o escritor. Foram passagens mais ou menos breves, mas que contribuíram com a sua paisagem humana para caracterizar muitos dos tipos psicológicos impressos na obra do autor: Leiria, próximo a Coimbra (*O Crime do Padre Amaro*), Viana do Castelo, quase na fronteira com Espanha (*A Relíquia*), etc.

A absoluta diferença de importância social, económica e sobretudo política entre Lisboa e Santa Cruz do Douro separou-as mais que enorme distância física. Mas foram elas que partilharam entre si a maior responsabilidade na ficção queirosiana.

Em Lisboa centram-se os enredos dos romances de tipo burguês mais conhecidos: “*Os Maias*”, “*O Primo Basílio*”, “*Alves e Companhia*”, “*A Capital*”, “*A Tragédia da rua das Flores*”. A casa dos pais do escritor existe no mesmo local, um quarto andar sobre a praça do Rossio.

Actualmente apenas se identificará a fachada de um interior que mudou de função, faz agora parte da sede de um banco. Não terá sido deste excelente ponto de observação que saíram as notas para qualquer uma daquelas obras. Mas poderão ter sido as recordações que Eça levou consigo que contribuíram para compor os personagens que perpassam nas suas histórias. Todas foram escritas de memória, durante as várias colocações diplomáticas que fez o seu percurso profissional. Assim a visão que tinha da Pátria, após tantos anos de ausência, talvez estivesse enevoada e a produção literária resultante trouxe-lhe alguma amargura pela marginalização a que os seus conterrâneos o votaram. Hoje ao lermos as suas páginas ficam-nos na retina imagens cheias de cor humana, com tipos psicológicos e físicos compostos de ironia, identificados quase de imediato porque não sofreram com o passar do tempo. São actuais e de sempre.

A cidade que Eça conheceu pouco mudou. Expandiu-se em bairros e urbanizações novas. A população multiplicou-se várias vezes. Mas o núcleo é ainda reconhecível, sendo possível traçar os mesmos percursos, percorrer as mesmas ruas, perseguindo as personagens, observar as fachadas dos mesmos edifícios, mesmo que os seus interiores tenham mudado de destino e de funções. Poucas ruas ou praças mudaram de nome e não fora o incêndio que atingiu o Chiado nos anos 80 do século XX, poderíamos, mesmo, seguir os passos do próprio escritor pelos cafés e livrarias da baixa lisboeta. O traçado urbanístico ainda se divide entre o medieval, em torno do castelo (S. Jorge) e da Catedral e a zona barroca, muito funcional, de ruas rectilíneas, onde os nomes das actividades profissionais lembram as hierarquias comerciais do passado. O conjunto completa-se com a enorme Praça do Comércio, de arquitectura programada, desenvolvida em arcadas, para onde convergem as ruas. O centro do poder é simbolizado pela estátua equestre do rei D. José I, onde não foi esquecida a imagem do seu importante ministro, o Marquês de Pombal e pelo majestoso arco que enquadra a rua Augusta, arco este que se cobriu de negro para ver passar os restos mortais de Eça de Queiroz quando ele regressou definitivamente à terra que o viu nascer. Devido ao aspecto que a praça tinha era corrente chamarem-na de “*as Arcadas*”, lugar de reunião dos intelectuais e desocupados endinheirados de então, em volta de soberbos e bem regados jantares e ceias e que Eça tão bem fixou.

Lisboa não é uma cidade desconhecida tendo sido desde muito cedo procurada pelo seu clima ameno, pela luminosidade e pela distribuição geográfica entre os pequenos vales das várias colinas. Espelha-se num rio, o Tejo, largo e calmo que lhe permitiu fazer-se ao mar, dando-lhe as alegrias de tantas conquistas. Tudo isto se estampa na obra de Eça. A cidade espria-se ainda na zona verde e fresca de Sintra, cantada por poetas, como Byron. Para evitar o calor do Verão ou as pestes que frequentemente se espalhavam por Lisboa, os privilegiados para lá se retiravam a ocupar as suas belas casas ou as de amigos. Alguns hotéis ou estalagens recebiam os viajantes temporários como Byron, em 1809 (estalagem Lawrence que ainda hoje se mantém aberta ao público, após remodelações). Naturalmente Sintra serviu de pano de fundo aos enredos queirosianos: as escapadelas mais ou menos escandalosas de muitos dos seus personagens.

Finalmente Santa Cruz do Douro. Constituiu o ponto final da vida do escritor. Morreu em Paris, mas foi nesta pequena freguesia do vale do rio Douro, que se reuniu à família após uma viagem longa que o levou a várias paragens e lhe consumiu metade da sua curta vida (1845/1900).

A casa de Tormes como ficou conhecida e não Santa Cruz que poucos reconhecem acolhe, actualmente, a Fundação Eça de Queiroz. A sua estrutura granítica e sólida impõe-se num socalco, dos muitos que Eça subiu para lá chegar. O estreito carreiro que trilhou,

da primeira vez que ali se deslocou, chama-se hoje o caminho de Jacinto, por ser o mesmo que a personagem da Cidade e as Serras, o Jacinto, percorreu no seu retorno às origens. A ficção casa-se com a realidade. A casa e a paisagem são absolutamente indissociáveis de todo o romance. Herança de sua mulher, Eça visita a propriedade, sozinho, em 1892. O imensa massa granítica da casa destacava-se na paisagem pelo isolamento e sobretudo pelo abandono a que fora votada durante décadas. Quem hoje a visitar não compreende a total rejeição que o escritor exprimiu quando a contemplou, após uma esgotante viagem de mula e com o pensamento voltado para a comodidade citadina que deixara.

Todo o Douro é um romance, tantas as histórias de amores e traições, de heróis e de religiosidade. O vale do rio Douro, rio perigoso de difícil navegabilidade, cruza-se com o nascimento da nacionalidade, com o desenvolvimento económico, no vinho do Porto, com culturas diferentes, a inglesa. Este conjunto de facetas serviu de tema a tantas histórias reais ou ficcionadas, sempre envoltas em sombras românticas. A paisagem continua semeada de recordações pétreas, testemunhos dos primeiros anos de uma identidade conseguida de modo difícil, para sempre impressa no granito escuro, pesado, toscamente trabalhado na primeira arte românica.

Quem hoje aqui se deslocar encontra uma paisagem menos agreste, harmonizada pela visão da racionalização agrícola da vinha, pontuada pelos complexos habitacionais do passado, humanizados pelo desenvolvimento económico. A casa de Tormes é uma entre tantas outras, que beneficiaram do poder da cultura, apresentando a sua estrutura sólida, de uma simplicidade, erudita adoçada pela preocupação da manutenção cuidada. As espécies vegetais que a cercam ou as que se enrolam nas suas paredes, trazem-nos o prazer da natureza na cor e nos odores. O espólio material de Eça de Queiroz repousa aqui, esperando que a cada página virada, possamos sentir a alma do escritor e tudo o que nos quis legar da sua visão da modernidade precocemente adivinhada.

A sua vida foi curta mas profícua. Exerceu várias profissões, simultaneamente, embora todas em torno das letras e da cultura. De umas tirou proveito para as outras. Deixou marcas na Europa, nas Américas, na Ásia e na África. Em alguns destes continentes nunca esteve, mas sentiu-os e descreveu-os como se ali tivesse vivido muitas vidas. Conhecia a alma humana como ninguém e transmitiu-nos o mundo do seu tempo de uma forma ímpar, tornando-o eternamente actual. Foi Doutor em Leis, Diplomata, Jornalista, Turista, com todas elas se fez o Escritor multifacetado que nos legou tal obra vasta e variada.

4- A PRODUÇÃO E OS PRODUTOS TURÍSTICO-CULTURAIS DA FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

Desde muito cedo, e logo após a morte deste escritor, que a sua família teve como principal preocupação, fazer perdurar a memória e todo património literário produzido por Eça de Queiroz.

Efectivamente, muitos dos seus escritos só viriam a ser publicados postumamente e por iniciativa dos seus entes mais próximos que, com muita dedicação, organizaram os textos e trataram dos bens que constituem o actual espólio queirosiano.

Mais recentemente, em 9 de Setembro de 1990, a neta daquele autor, Ex.ma Sr.a D. Maria da Graça Almeida Salema de Castro - actual presidente vitalícia - e a Sociedade Anónima João Pires, S.A. criaram a Fundação Eça de Queiroz com um património avaliado, em estimativa de 1989, em 187000 contos (932752,06 Euros).

Tal património viria a ser alvo de intervenções arquitectónicas que, segundo dados da própria fundação (FEQ, www.feq.pt) numa 1ª fase (1990-1994) orçaram em cerca de

65.000 contos (324218,63 Euros) e numa 2a fase (1994-1999), tiveram um valor global de 150.000 contos (748196,84 Euros). Dado o valor exorbitante de cada uma das tranches, esta instituição recorreu a fundos comunitários, que participaram nas duas fases, respectivamente, com 70% e 75% do valor global (programa PRORN- I Quadro Comunitário de Apoio e II Quadro Comunitário de Apoio). Os restantes 30% e 25% seriam provenientes de fundos próprios.

Também a vinha, já bastante velha, foi reconvertida e foram criadas infra-estruturas e adquiridos equipamentos, de modo a permitir uma produção de vinho verde- *Vinho de Tormes*, segundo as normas actualmente em vigor. Cumulativamente foram implantados mais 4,5 hectares de vinha nova. O apoio do IFADAP foi fundamental para a consecução destes objectivos.

Entretanto, em colaboração com o Instituto Português dos Museus, o Arquivo Distrital do Porto, o Instituto Português da Fotografia, o Museu Soares dos Reis e o Instituto José de Figueiredo, fez-se o tratamento museológico do espólio do escritor.

O resultado de todas estas iniciativas foi uma fundação munida de espaços e equipamentos como se seguida se descrevem:

- 1 sala de audiências equipada com material multimédia e com capacidade de ocupação para cerca de 70 pessoas;
- 4 casas de Turismo Rural;
- 1 espaço correspondente ao antigo lagar do azeite e que está adaptado para servir refeições;
- 1 eira com capacidade para 200 pessoas e vista para o vale do Douro;
- 1 adega onde é fabricado o Vinho de Tormes;
- 1 parque de estacionamento com capacidade para 50 carros, autocarros e camionetas.

Quanto à actividade da Fundação centra-se em três grandes vertentes:

- A vertente educativa-cultural- que contém um serviço educativo especialmente vocacionado para receber visitas escolares, o arquivo literário de Eça em versão papel e digital; os cursos de formação literária, tal como os cursos de verão, as jornadas queirosianas e as acções de formação de professores. Os públicos que frequentam estes cursos, vêm normalmente de diferentes pontos do país, o que implica, dado aquelas acções terem duração superior a 1 dia, pernoitarem nas casas de turismo de habitação das redondezas, para além das próprias casas de campo da quinta de Tormes.
- A vertente agrícola- que integra 14 hectares de vinha correspondentes a uma produção anual de 60000 litros de vinho. Dada a juventude da vinha estima-se que, no futuro a produção anual tenda a aumentar.
- A vertente turística- preconizada por duas casas de campo e pelo roteiro “*Região de Tormes- Roteiro queirosiano*”. Um outro serviço oferecido no âmbito desta vertente consiste na possibilidade que o visitante tem de saborear as ementas gastronómicas descritas pelos personagens de Eça. Esta componente gastronómica é promovida em articulação com a sua componente cultural queirosiana. Existem neste momento 9 ementas queirosianas, as quais podem ser reservadas para um mínimo de 15 pessoas, a 30,00 € por pessoa. Este valor inclui uma visita guiada à Casa de Tormes. Qualquer que seja a ementa escolhida esta integra sempre as mesmas

entradas de Salpicão, Presunto, Alheiras, Queijo fresco, Vinha d'alho e broa, e o vinho de Tormes e pode assumir uma das seguintes designações:

- Ementa 1 - [Arroz de Favas](#);
- Ementa 2 - [Bacalhau com pimentos e grão-de-bico](#);
- Ementa 3 - [Ovos com chouriço](#);
- Ementa 4 - [Cabidela](#);
- Ementa 5 - [Carne assada à moda da Luiza](#);
- Ementa 6 - [Fricassé de Ave](#);
- Ementa 7 - [Língua estufada](#);
- Ementa 8 - [Lombo assado](#); e
- Ementa 9 - [Perna de Vitela Assada](#).

Todos os almoços têm de ser marcados previamente, podendo o almoço ser servido na cozinha de Tormes, na sala polivalente, anexa ao lagar do azeite ou na eira.

Finalmente o turista tem a possibilidade de experimentar, em duas horas, o caminho que o personagem Jacinto (do livro *“A Cidade e as Serras”*) percorreu entre a estação de caminho-de-ferro de Aregos (no livro conhecida por Tormes) e a Quinta da Vila Nova (mais comumente conhecida por Quinta de Tormes).

Mas as visitas realizadas a este espaço cultural podem ainda ser complementadas com outras actividades ainda não descritas. Referimo-nos à possibilidade que o visitante tem de, no final da sua passagem pela Quinta de Tormes, passar pela livraria e aí adquirir algumas das produções próprias da Fundação (vinho de Tormes, Compotas, Marmeladas, Livros e lembranças variadas).

Esporadicamente, realizam-se os seminários intitulados *“Ruralidade e Modernidade”*, que abordam questões como a vinha e a produção de vinho em Baião, o desenvolvimento do mundo rural e a sustentabilidade da sua paisagem.

Os públicos que integram estes eventos não são os mesmos que anteriormente descrevemos. Eles destinam-se a entidades públicas ou privadas, nacionais, regionais e locais, que de certo modo estejam relacionados com assuntos de desenvolvimento regional. Da análise dos participantes é possível constatar a presença de altos representantes das cidades de Baião e Resende, entre outros, que de certa forma se preocupam com o desenvolvimento de um Turismo Cultural nesta zona, sendo todos unânimes em admitir o papel fulcral que a fundação tem para o mesmo.

5- CONCLUSÕES

Eça de Queiroz não é apenas mais um nome na literatura contemporânea. O seu poder de observação agudo e incisivo passou às páginas das obras que deixou retratos precisos de um Portugal facilmente identificável. Não foram costumes ou hábitos pintados com incedível mestria, foram realmente os fortes traços da personalidade de um povo, incontornáveis desde os tempos da nacionalidade, ao ponto de os reconhecermos como nossos nos tempos actuais. A identificação no género realismo, negada pelo autor, sublinhou com crueza, adocada com a elegância erudita da escrita, as idiossincrasias portuguesas que vestem figuras, estereotipadas, que ganham vida própria e uma dinâmica

muito actual. O enquadramento tem cenários reais, compondo quadros artísticos na verdadeira acessão da palavra porque são eles próprios História de Arte.

Ficaram-nos também outros conceitos modernos ou talvez não reconhecidos como tal nos tempos do autor. Falamos do turismo em geral e do Turismo Cultural em particular. As impressões de viagem transformadas em crónicas são afinal o moderno jornalismo onde não falta mesmo a denúncia social (e até as consequências de tal audácia). O conjunto variado, mas não heterogéneo de uma personalidade riquíssima está plasmado na Fundação que tem o seu nome. De uma só vez imergimos na ambiência pessoal e material do autor mas também num presente vivo no desenvolvimento das competências do novo conceito de Cultura e nos produtos que ela apresenta aos Turistas de Arte, aos Turistas Culturais ou aos simples visitantes ocasionais.

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Distrital do Porto (ADP), (s/data), Fundação Eça Queiroz, IPC, CD-ROM, *Arquivo Eça de Queiroz, 1845-1900*, Dematos Designers.

Bartlett, W.H., *Tourism in America: Travel Writing and New Institutions* Fairmount Gardens, With the Schuylkill Bridge – Online document: <http://xroads.virginia.edu/~MA96/forrest/WW/tour.html>

Fundação Eça de Queiroz (FEQ), (s/data), Prospecto *O Caminho de Jacinto pela Natureza com Eça*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2000), *Eça de Queiroz Marcos Bibliográficos e Literários 1845-1900*, Textype.

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2003) Prospecto Curso de Verão 28Julho/1Agosto de 2003, Seminários Queirozianos – *O Último Eça*.

Fundação Eça de Queiroz (FEQ), (s/data), Prospecto *Fundação Eça de Queiroz*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ), (s/data), Prospecto *Tormes Vinho Verde*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (s/data), Prospecto *Viajar com... Eça de Queiroz*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2003) *Viajar com ... Eça de Queiroz*, Caixotim edições, Porto.

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2003) Online site: <http://www.feq.pt/default.htm>

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (1998), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (1999), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2000), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar)..

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2001), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2002), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar).

Fundação Eça de Queiroz (FEQ) (2003), *Actividades Culturais de Maior Relevo*, (s/lugar).

Garcia, J.L.L. [undated].ESE, Instituto Politécnico da Guarda, Turismo e Formação Escolar no Domínio do Ensino Superior na Guarda, Guarda – Documento Online: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-lima-turismo.pdf>

- Hughes, H. (2000) *Arts, Entertainment and Tourism*, Butterworth Heinemann, Oxford.
- Lima, I.P. de (2000) Fundação Eça de Queiroz, *Geografias Queirozianas*, *Camões Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº9-10 Abril-Setembro de 2000, documento online: <http://www.instituto-camoes.pt/revista/fundacaoeq.htm>
- Matos, A. Campos (1976), *Imagens do Portugal Queiroziano*, Terra Livre, Lisboa.
- Matos, A. Campos (1988), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Editorial Caminho, Lisboa.
- Matos, A. Campos (2000), *Dicionário de Eça de Queiroz – Suplemento de A/Z*, Editorial Caminho, Lisboa.
- Matos, A. Campos (2000), *Viagem no Portugal de Eça de Queiroz*, Gráfica do Norte, Amarante.
- Queiroz, Eça de (de acordo com a 1ª edição de 1888), *Os Maias*, Livros do Brasil, Lisboa.
- Queiroz, Eça de (1880), *O Mandarin*, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Editor, Porto e Braga.
- Queiroz, Eça de (1900), *A Correspondência de Fradique Mendes*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1900), *A Ilustre Casa de Ramires*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1901), *A Cidade e as Serras*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1902), *As Minas de Salomão* (tradução da obra de Rider Haggard), Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1903), *O Primo Bazílio*, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1905), *As Cartas de Inglaterra*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1909), *Notas Contemporâneas*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna de Manoel Lello, Porto.
- Queiroz, Eça de (1912), *Últimas Páginas Manuscriptos Inéditos*, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, Imprensa Moderna, Porto.
- Queiroz, Eça de (1925), *Alves & Cª*, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Lda., Artes Gráficas, Porto.
- Queiroz, Eça de (1925), *O Conde de Abranbos*, Artes Gráficas, Porto.
- Queiroz, Eça de (1926), *O Egipto Notas de Viagem*, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Lda. Editores, Aillaud, Bertrand, Lisboa-Paris, Artes Gráficas, Porto.
- Queiroz, Eça de (1967), *O Mistério da Estrada de Sintra*, Lello & Irmão Editores, Porto.
- Queiroz, Eça de (1969), *Contos*, (segundo versões da Gazeta de Notícias, Atlântico, Revista Moderna), Livros do Brasil Editora, Lisboa.
- Queiroz, Eça de (1969), *A Relíquia*, Livros do Brasil Editora, Lisboa.
- Queiroz, Eça de (1978), *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, Lello & Irmão editores, Porto.
- Queiroz, Eça de (1980), *Uma Campanha Alegre*, Lello & Irmão Editores, Porto.

Queiroz, Eça de (1980) *A Tragédia da Rua das Flores* (versão integral), Edições Fernando Pereira, Lisboa.

Queiroz, Eça de and Ortigão, Ramalho (1986), *As Farpas* (edição integral), Livraria Clássica, Lisboa.

Queiroz, Eça de (1991), *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, Correio da Manhã, Lisboa.

Queiroz, Eça de (1992), *A Capital*, Livros do Brasil Editora, Lisboa.

Queiroz, Eça de (1992), *O Crime do Padre Amaro*, Livros do Brasil Editora, Lisboa.

Queiroz, Eça de (1992), *Lendas de Santos*, Livros do Brasil, Lisboa.

Queiroz, Eça de (1996), *O Suave Milagre*, Edições Europa/América, Lisboa.

Sá, Victor (1945), *Bibliografia Queiroziana*, Ensaios Bibliográficos, Braga.

Sequeira, Maria do Carmo Castelo Branco Vilaça (1985), *A Germinação da Escrita Queiroziana*, Thesis, University of Porto.

Electronic Adresses:

<http://www.netropole.com.br/aliteratura/rsumobasilio.html>

<http://www.netropole.com.br/aliteratura/rocrimepadreamaro.html>

<http://www.geocities.com/capecanaveral/4091/Equeiros.html>

<http://www.portrasedasletras.com.br/cidadeserras.html>

<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/eça/eqbiografia.htm>

<http://www.Kirgasto.sci.fi/clade/htm>

<http://www.naetliteratura.hpg.ig.com.br/resumos/alves.txt>

<http://www.navedapalavra.com.br/resumos/ilustrecasaderamires.htm>

http://www.navedapalavra.com.br/resumos/reliquia_2.htm

<http://www.navedapalavra.com.br/resumos/osuavemilagre.htm>

<http://www.centroalt.pf/top100eça/bibliog.html>